

A EMANCIPAÇÃO HUMANA PROPOSTA PELO TRABALHO EM LUCKÁCS

HUMAN EMANCIPATION PROPOSED BY THE WORK ON LUCKÁCS

Djonatan Arsego¹

Sérgio Augustin²

RESUMO: As questões atuais ainda são suscetíveis e alienativas e por isso se têm por intuição demonstrar como o ser humano chega a uma emancipação através dos propositivos do trabalho laboral, propostos por LUKÁCS György, num retorno sempre acirrado aos textos marxistas, o mesmo estudo é guiado por duas de suas obras: *Ontologia del ser social: el trabajo*. e *Prolegomenos para uma otologia do ser social*. A partir da crítica aos antecedentes a Marx e do retorno acirrado que o autor faz, quer se tentar demonstrar como a reviravolta marxiana deu uma valorização ainda maior ao homem, dando ao mesmo o caráter emancipatório no sócio propositivo de cuidado consigo mesmo, através da valorização do que está ao seu entorno, ou seja, o próprio homem e a natureza vigente e vicejante.

PALAVRAS CHAVE: Homem; Alienação; Trabalho laboral; Emancipação.

ABSTRACT: The current issues are still susceptible and alienating, and for that, intuitively demonstrate how human beings comes to an emancipation through the propositional of labor working proposed by György LUKÁCS, always in a fierce return to Marxist texts, the same study is guided by two of his works: *Ontologia del ser social: el trabajo and Prolegomenos para uma otologia do ser social*. From the criticisms towards the antecessors of Marx and the return that the author does, we try to demonstrate how: the Marxian twist gave an even greater appreciation for the man, giving to it the emancipatory character of the socio purposeful of self-care through the appreciation of what surrounds it, that is, the man himself and the existing and thriving nature.

KEY WORD: Man; Alienation; Labor Work; Emancipation.

1. INTRODUÇÃO.

O jovem da cidade de Jena, Hegel, lança um grande propósito argumentativo denominado *sistema*, a partir do escrito da *Fenomenologia do Espírito*, que tenta e tem a intenção de absolutizar ao máximo possível o mundo pensante, ou seja, esse *Saber absoluto*, a que o autor se propõe, tem como ponto de partida o *Ser* que percorre o caminho sistemático e

1 Atualmente é mestrando do curso Pós – Graduação em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul e bacharel em Filosofia pela mesma Universidade. <http://lattes.cnpq.br/1384364620398029>

2 Doutor em Direito pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente é coordenador do Programa de Pós – Graduação (Mestrado Acadêmico em Direito) da Universidade de Caxias do Sul e professor titular na Graduação em Direito da Universidade de Caxias do Sul. É juiz de Direito no Estado do Rio Grande do Sul. <http://lattes.cnpq.br/2486235719786857>

tenta alcançar tal perspectiva, através da dialética histórica.

Em primeira instância, poucos entendem tal propositivo e, no intuito de melhor especificá-lo, Hegel escreve também uma complementação denominada: *Enciclopédia das ciências filosóficas*³, a mesma é subdividida em três partes: *Lógica, Natureza e Espírito*; esses escritos e sua especificação têm uma grande influência em Marx e em Lukács.

Hegel, ao escrever, esta e outras tantas obras criticadas por Marx, além de formar um sistema, ele retoma e introduz o método da dialética⁴, que vai se dando principalmente de uma forma histórica na análise factual.⁵ Esse método tem como pontos coordenativos a *Tese*, a *Antítese* e a *Síntese*, que Marx adquire e reformula, principalmente numa inversão da *Enciclopédia*.

Essa inversão se dá principalmente para não mais absolutizar o *Espírito*, mas valorizar a essência humana primordial, que vai se dando pelas atitudes laborais. Marx, ao fazer esse processo na crítica histórica de sua realidade, em que o homem era “alienado”, ou seja, demasiadamente explorado em suas horas de trabalho, dá um novo caráter ao homem, ou seja, o reconhece cada vez melhor nas suas reais necessidades.

[...] Marx: trazer el esbozo de una ontología materialistica histórica, superando, tanto teórica como prácticamente, el idealismo lógico-ontológico de Hegel. El papel preparatorio de Hegel consiste en que este concibió, a su manera, la ontología como una historia que - en oposición con la ontología religiosa - desarrollaba una historia evolutiva necesaria desde “abajo”, desde lo más simples, “arriba”, hasta las más complejas objetivaciones de la cultura humana. (LUKÁCS, 2004, p.36).

Lukács, também assumindo os propositivos marxianos, critica os escritos de Hegel, principalmente os referentes à *Natureza*, pois como em plena modernidade (1770 – 1831), alguém ousaria absolutizar a mecânica,⁶ que naquela época estava em pleno avanço,

3 HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich, 1770 - 1831. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas**. São Paulo: Loyola, 1995-1997. Título Original: *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse*

4 [...] Para Hegel, a dialética não envolve um diálogo entre dois pensadores ou entre um pensador e seu objeto de estudo. É concebida como a autocritica autônoma e o autodesenvolvimento do objeto de estudo, de, por exemplo, uma forma de consciência ou um conceito. [...] Um aspecto da dialética de Kant que impressionou Hegel, é a derivação de antinomias, de duas respostas incompatíveis a uma questão (se, por exemplo, o mundo tem ou não um começo no tempo) que transcende nossa experiência. O procedimento triádico de Fichte de uma tese (O EU põe a si mesmo uma antítese (O EU um não-Eu) e uma síntese (O EU põe no EU um não-EU divisível em opiniões ao EU divisível) também influenciou a dialética de Hegel. (Mas Hegel usa os termos “tese”, “antítese” e “síntese” *unicamente* em sua exposição de Kant. [...] Hegel distingue a dialética Interna da Externa. A dialética de coisas objetivas deve ser-lhes interna, uma vez que elas só podem crescer e perecer em virtude de contradições realmente presentes nelas. Mas a dialética pode ser ampliada externamente a conceitos, descobrindo neles imperfeições que, na realidade não contém. [...] Assim sendo, a dialética não é um *método*, no sentido de um procedimento que o pensador aplica ao seu objeto de estudo, mas a estrutura e o desenvolvimento intrínseco o próprio objeto de estudo. [...]. INWOOD, 1997. pp. 99-101.

5 Pode-se citar como referência deste aspecto a obra hegeliana: **Filosofia da História**.

6 HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich, **Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio**. 1830 /

principalmente pelas novas tecnologias que começavam a surgir em plena modernidade.

O próprio Marx não entra em tais aspectos, mas tem, como natureza de sua análise o fenômeno da natureza “alienativa laboral” do ser humano, tornando o ato emancipatório algo mais nítido.

Assim, as posições políticas de Marx, na quebra do atual sistema laboral, fazem com que a efetividade humana se sinta lisonjeada, pois não havia regras de vigência em níveis laborais. Isso faz com que a empresa explorasse a força de trabalho dos operários o máximo possível, para o seu engrandecimento, sem pensar nas consequências que gerava aos seus funcionários.

Na condição hegeliana de *senhor e escravo*⁷, o escravo já começa a ser posto mais a frente do mundo, ou seja, se torna mais palpável, empírico e efetivo. Não ficando, fora ou distante, e assumindo a natureza marxiana de ser posto e enfrentado no trabalho, ele começa a não mais se alienar e se desvincular de um sistema quase imperceptível, que o retém ao seu próprio trabalho.

Nessa visão, pode-se ter a percepção de que o homem, escravizado, ao desvincular-se da antiga sanguessuga, *Senhor*, tem visões diferentes do seu modo empregativo, não o tornando mero, fazedor de uma coisa, ou especialista sempre mais de um único aspecto, mas que o mesmo já tem uma visão mais global do processo total, olhando também agora, já de fora da empresa, o seu próprio estabelecimento laborativo, do qual ele vende sua força de trabalho.

Nesta perspectiva de lançamento e retorno dialético do ser, faz com que nessa nova visão ele crie um aspecto valorativo da produção de um modo diferenciado, pois o produto que ele produz se destina a uma função e os demais que ele vai ter que arrecadar poderão ser incorporados, por uma forma imediatista e a de conscientização.

No primeiro aspecto o homem não pensa, ao adquirir produtos industrializados se o faz sem juízos internos, pois as influências de uma força externa de imensa propaganda fazem ele ter um último modismo, jamais realmente alcançável, fazendo, portanto ao momento da aquisição de tal mercadoria já se tenha uma sentimentalidade de desgaste de para a por amanhã a mesma seja jogada na lata do lixo, por surgir uma superação ainda maior do

G.W.F.HEGEL ; texto completo com os adenos orais traduzidos por José Machado com a colaboração de Paulo Menezes - São Paulo: Loyola, 1997. Título Original: Enzyklopädie der philosophischen Wissenschafte im Grundrisse. v. 2. A filosofia da natureza. (§ 253 – 271).

7 HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich, 1770 - 1831. **Fenomenologia do Espírito**. tradução: Paulo Menezes. 7. ed. rer. Pretópolis, RJ : Vozes : Bragança Paulista. (PhG IVA).

mesmo produto.⁸

[...] El trabajo en este sentido originario y restringido, contiene un proceso entre la actividad humana y la naturaleza: sus actos están orientados a la transformación de objetos naturales en valores de uso. (LUKÁCS, 2004, p.103).

No segundo aspecto o ser ao sair do seu estagio laborativo, começa a visualizar o mundo que o cerca, a sentir as primeiras necessidades de se auto-satisfazer, pelas suas *carências*, principalmente nas primeiras necessidades e após perante uma crítica dessa saída de seu estabelecimento, principalmente numa visão de sempre ser um especialista de um quase nada, “alienado” ter uma preocupação ainda maior com tudo aquilo que o envolve naturalmente, ou seja, do que é usado para fazer os produtos de seu consumo final.

Assim, portanto, Lukács assumindo os propósitos marxianos retorna aos estudos do trabalho numa forma primordial, *ontológica*, e demonstra da onde provém o sustento humano, que se torna alienável ao próprio trabalho. E por que o mesmo é responsável pelos principais avanços, *teleológicos*, ou seja, das condições últimas do ser humano, estas se dão desde formas linguísticas até avanços científicos tecnológicos.

2. A POSIÇÃO ONTOLÓGICA DE LUKÁCS

Lukács ao começar seus estudos, e ter uma posição, de alguma forma faz o estudo anterior, conflitos entre Hegel e Marx, muito bem, e domina perfeitamente aos autores, pois como se pode ver em sua juventude uma de suas principais biografias é *O Jovem Hegel*, e já um Lukács mais maduro após tal estudo num retorno sempre maior a Marx, numa crítica até mesmo a outros autores marxistas, que segundo ele; não levaram adiante as idealizações marxianas como o próprio Marx tinha pensado, ou argumentado, faz com que ele retorne ao mesmo e tente através de um modo ontológico defender tais ideias.

As preocupações originárias de Lukács de uma efetividade política do ser humano enquanto aquilo que ele é e faz se dá principalmente no retorno a Marx, nos estudos que o autor demonstrou nas afirmações teleológicos, ou finalísticas da alienação, do homem, para com os estabelecimentos do qual ele presta seus serviços laborativos.

O autor após fazer seu estudo sobre a “dialética *do senhor e do escravo*” já presente em Hegel, e agora em Marx, começa em sua maturidade posicionar-se de um modo defensivo

8 Quanto a este aspecto pode-se citar o artigo **Reconhecimento da alteridade como proposta ambiental** ARSEGO. Djonatan. In AUGUSTIN. Sérgio I Congresso Florense Direito e Meio Ambiente.

das atitudes laborativas, numa crítica acirrada contra o sistema lógico hegeliano e retorno ao ser em si, valorizando-o caracteristicamente pelo que é e faz.

[...]Hegel ha descrito un aspecto ontologicamente decisivo del papel de la causalidad natural en el proceso del trabajo: sin encontrarse sometido a una transformación intrínseca, surge, a partir de los objetos naturales, a partir de las fuerzas naturales, algo totalmente distinto; el hombre que trabaja puede introducir las propiedades de la naturaleza, las leyes de su movimiento, en combinaciones perfectamente nuevas, concederles funciones y formas de acción perfectamente nuevas. (LUKÁCS, 2004, p.71).

Há também a perceptibilidade que o ensaio dos *Prolegômenos* se faz pensando, numa reformulação de uma ética marxista, que não foi formalmente descrita no autor, como ele pretendia, ou deu a impressão de efetivar tal ato. Esta ética esta sempre pensada e embasada no homem que trabalha e começa ter uma visão diferenciada do ato laborativo, e na defesa do mesmo, dentro de uma empresa.

Os atos humanos assim começam a dar parâmetros diferenciados no trabalho em diversos momentos, como por exemplo; a diminuição da carga horária do ato laborativo, da o primeiro passo de um valorativo humano maior ao operário de um estabelecimento, um segundo exemplo seria o reconhecimento individual de cada pessoa humana que está na linha de montagem, principalmente na valorização dela numa possível mudança de encargo.

En la evolución económica precedente podemos percibir tres líneas evolutivas tales que, por cierto, se han desarrollado, ostensiblemente, de un modo a menudo muy asimétrico, pero independientemente de la voluntad y el saber subyacentes a las posiciones teleológicas. En primer lugar, continuamente tiende a reducirse el tiempo de trabajo socialmente necesario para la reproducción de los hombres. [...] En segundo lugar, este mismo proceso de reproducción ha ido cobrando un carácter cada vez más intensamente social. [...]. En tercer lugar, la evolución económica crea, igualmente, relaciones cuantitativas y cualitativas cada vez más decisivas entre las sociedades individuales, originariamente muy pequeñas, independientes, a partir de las cuales el género humano se constituyó inicialmente de un modo objetivamente concreto. [...](LUKÁCS, 2004, p.47 - 48).

Estes atos de mudanças humanas que vão se fazendo perceptível ao longo da leitura das obras do autor, vai também demonstrando a relação homem e suas atitudes finais, ou seja, teleológicas. Esse, fim ultimo é um reconhecimento do ser enquanto aquilo que ele é e faz, nesse fazer se verifica a necessidade do trabalho, como meio de reconhecimento, por aquilo que cada ser humano têm como sua especialidade.

Na mesma perspectiva, se faz o começo da entrada de uma contingência, ou seja, do terceiro, “outro ou alteridade”, que reconhece a cada um de seus prestadores de serviços laborais, para que os mesmo possam ser efetivados, em seus devidos fins, e pelas suas

capacidades os valorizando cada vez nas superações que estes vão adquirindo ao prestar seus afazeres ao estabelecimento empregativo.

La esencia del trabajo consiste, juntamente, en la capacidad de rebasar la fijación del ser viviente en la realación biológica con su ambiente. El momento esencial distintivo no está dado por la perfección de los productos, sino por el papel de la conciencia, que precisamente aquí cesa de ser un mero epifenómeno de la reproducción biológica: [...] El trabajo es una posición consciente; presupone, pues un saber concreto -aunque no perfectamente concreto- acerca de determinados fines y medios. En vista de que, tal como se ha mostrado la evolución, el perfeccionamiento, cuenta entre sus rasgos ontologicamente esenciales, se constituye en la medida en que llama a la vida configuraciones sociales de un orden más alto. (LUKÁCS, 2004, p. 38 – 39; 43).

O homem que trabalha o faz no sentido e na possibilidade de consumir seu ato empregativo, pois os seus atos laborativo não possuem a totalidade das suas necessidades de consumismo. O homem assim, necessariamente trabalha para adquirir aquilo do qual o outro pode lhe oferecer, em suas especialidades, mas os conflitivos que ocorrem nessa troca se acirram no acerto da compra efetivada numa gramática dialogal.

A essa incompreensão por lutas de reconhecimento do outro que assume a caracterização do meu espaço servil torna a empresa caracteristicamente ativa, mas as lutas gramaticais que ocorrem nesse âmbito fazem na saída do “Eu” o ato conflitivos com o “Outro” que me desafia para o reconhecimento de outrem, pois ele me oferece o que não possuo e não tenho a especialidade de o fazer.⁹

Si se desea exponer ontológicamente las categorías específicas del ser social -su surgimiento a partir de las formas del ser anteriores, de qué manera las categorías se vinculan como las formas, cómo aquellas se basean en estas y se diferencian de estas-, entonces la tentativa debe comenzar con el análisis del trabajo. (LUKÁCS, 2004, p.55).

Os atos provenientes da retirada do “homo faber”¹⁰, preso só a sua empresa e alienado, exerce também ,um outro fator, denominado competitividade, daquela pessoa que o substituirá em sua ausência na sua funcionalidade da empresa. A este conflitivo faz da educação o ato atual, mais visado numa especialização sempre maior daquilo que ninguém pode oferecer, o “Eu” possa se autosatisfazer suprimindo tais necessidades.

Os conflitivos provenientes do trabalho e da posse de objetos faz com que o homem

9 Estes aspectos são mais intensificados em **Luta por reconhecimento a gramática moral dos conflitos sociais**. Honneth. Axel.

10 Ideia argumentada principalmente por Hans Jonas, na diferenciação do “homo sapiens, homem pensante e Homo faber, aquele que pensa exageradamente na produção” em seu livro: **Princípio Responsabilidade**

sempre mais retorne aos pré-antecessores de Marx, aonde ele vende sua força de trabalho além das horas estabelecidas, para se auto-satisfazer nas necessidades que a sociedade lhe impregna cotidianamente.

[...] El objeto solo puede ser objeto de la conciencia cuando esta trata de captar a aquel incluso cuando no existen intereses inmediatamente biológicos que vinculen con el objeto al organismo que es agente de los movimientos. Por otro lado, el sujeto solo se convierte en sujeto por el hecho de consumir una transformación semejante de su actitud frente a los objetos del mundo externo. A partir de esto puede verse que la posición del fin teleológico, y la de los medios para su realización en cuanto actos de conciencia -medios que funcionan de manera casual-, no pueden ser realizadas independientemente la una de la otra. La indisoluble interdependencia que hemos constatado entre teleología y causalidad puesta, se refleja y realiza en este complejo de consumación del trabajo. (LUKÁCS, 2004, p.115).

A socialização do homem faz com que a competitividade, pelo aparentar nos modismos externos seja dominante na formação de juízos, mas para o alcance de tais consecutivos a força do trabalho humano tem de ser executada de alguma forma rentável, de âmbito sustentável, na prestação de serviços comunitários.

Pois os serviços que cada pessoa presta muitas vezes é compensado só na forma salarial. Assim, não há uma valorização humana na produção que um homem fez, pois, muitas coisas que estão a serem produzidas no momento do trabalho do homem, em sua saída da empresa vigente são suas próprias necessidades. Assim, o homem vende a força de trabalho e a compra de volta sem sua real valorização, pelo que ele faz.

[...] Si se quiere entender correctamente las transformaciones en el sujeto que aquí se producen, hay que partir de la situación objetiva ya descrita, en la cual el sujeto es el indicador, de la transformación de las cadenas causales reproducidas en cadenas causales puesta de la realización de todas estas posiciones en el proceso de trabajo. (LUKÁCS, 2004, p.100 - 101).

As questões humanas que então e vão delimitando cada vez mais o homem e cercando-o, fazem com que ele usufrua sempre mais da natureza, sem reversões. A empresa muitas vezes não corrobora para que o homem possa satisfazer-se pela sua produção laborativa, pois o consumo do bem gerado por ele retorna ao mesmo.

As visões atuais de alienação são ainda mais graves, pois os atos dessa alienação são muito mais bem disfarçados, pelo empreendedorismo do capital, principalmente na minimização dos pequenos, para sempre mais um engrandecimento e do uso sem restrições das forças do trabalho humano.

[...] La esencia ontológica del deber ser en el trabajo se dirige, sin duda, al sujeto que trabaja, y determina no solo su comportamiento en el trabajo, sino también su relación consigo mismo como sujeto del proceso de trabajo. Este, según hemos destacado en forma expresa justamente en estas consideraciones, es un proceso entre hombre y naturaleza, el fundamento ontológico del metabolismo entre hombre y naturaleza. (LUKÁCS, 2004, p.127).

As questões que muitas vezes passam de forma imparcial principalmente pelas formas impositivas de consumo do ter para obter, um merecimento de grau na sociedade vigente atual, faz com que muitas vezes não haja uma conscientização do que realmente se está a fazer com a natureza vicejante.

Um grande exemplo que vai ao encontro de tal proporção é o consumo exagerado e a necessidade com que as pessoas fazem do consumo de (carnes de animais) de uma forma com que os mesmo sejam criados em escalas abstratas e sacrificados sem conscientização dolorosa do sofrimento que ele vai ter que enfrentar ao nos auto-satisfazer.¹¹

[...] el hombre que trabaja debe planear de antemano cada uno de sus movimientos, y verificar constantemente, de manera crítica y consiente, la realización de su plan, si es que quiere alcanzar, en su trabajo, el mejor resultado concreto posible. (LUKÁCS, 2004, p.156).

As preocupações emancipatórias marxianas de formas alienativas têm como caracteres além do próprio homem, em que muitas vezes o mesmo se considera tão evoluído, mas ainda não consegue visualizar o seu entorno as pessoas que convivem com ele e as valorizar dignamente.

Assim, se faz uma reviravolta adaptativa do próprio ser vivente, pelo cuidado o quanto maior possível dos modismos humanos, pois a evolução se faz necessária, mas numa conscientização global do cuidado, pois senão a sua própria vida estará exposta a desaparecer, pelas suas intransigências.

[...] El hombre que actúa de manera práctica en la sociedad se encuentra, pues, enfrentado aquí a una segunda naturaleza, con la cual tiene que relacionarse inmediatamente -si quiere dominarla en forma exitosa- de la misma manera que con la prima naturaleza; es decir: tiene que hacer el intento de transformar el curso de las cosas independientemente de su conciencia, en un proceso puesto; tiene que imprimir en dicho curso, mediante el conocimiento de su esencia, el fin por él deseado. (LUKÁCS, 2004, p.181).

Assim há uma tentativa ontológica de formação do ser social em sua sociedade cooatuante e cooperante, na tentativa formativa ética de retorno marxiano e de embate laborativo

11 Quanto a estas proporções pode-se verificar as obras do filósofo Peter Singer, dentre elas **Ética Prática**

do homem operante contra a maquina capitalizadora, a influência que a mesma tem sobre o homem e os parâmetros que tal âmbito ocasiona é ainda de caratères aleinatórios.

Portanto nada melhor compreensível do que a tentativa explicativa do próprio Lukács, na tentativa de formulação ética marxiana em seus prolegômenos para a compreensão da posição do homem perante a “dialética do senhor e escravo” na tentativa de tal formulação.

3. O ENSAIO PRÉ-ÉTICO DE LUKÁCS

Muitas vezes no ato de melhor especificação e de aprofundamento da tese mal compreendidas em sua obra: *Ontologia do Ser Social*, Lukács faz um ensaio pré-ético, no intuito de mostrar que através do retorno marxiano e na defesa de suas teses como pode-se efetivar esta confirmação.

As questões finais ou, teleológicas fazem parte da natureza humana, pois estas atitudes de não alienação do homem ao trabalho no intuito de sempre mais valorizar a sua personalidade própria, proporcionam o ato emancipatório.

O próprio Lukács afirma:

[...] Na atividade laborativa, as duas categorias (atividade posta e pôr teleológico) embora antagônicas e heterogêneas, formam uma unidade no interior do complexo. Portanto, causalidade posta, ou variante da mesma assertiva, o pôr teleológico constitui o fundamento ontológico da dinamicidade de complexos próprios apenas ao homem, na medida em que a teleologia é uma categoria existente somente no âmbito do ser social. (LUKÁCS, 2010, p.24).

Faz-se perceptível que Lukács em sua tentativa de formular uma ética tem as continuas preocupações primárias ou, ontológicas e finalísticas ou,teleológicas do homem que trabalha, principalmente nos emaranhados de sua continuidade nos disfarces alienativos que o mesmo traz a sociedade co-atuante, pela má visualização do sistema apreensivo.

Pois a fuga que o homem tem deste sistema alienatório tem por intuito a não demonstrar que ele esta preso ao mesmo, ou seja, necessita do mesmo, ou ainda pior numa forma manipuladora faz com que o mesmo sinta a necessidade de ter a tal perspectiva mercantil que o aliena cotidianamente.

[...] A dinâmica inerente às interações categoriais do trabalho não apenas instaura a gênese do ser social como também determina a dinâmica das formas superiores da sua prática. [...]. São elas que mais tarde darão origem a dimensões importantes da prática social, tais como a ética e a ideologia. (LUKÁCS, 2010, p.25).

As novas posições da natureza humana, de uma não valorização do homem por aquilo que ele é e sim por aquilo que ele possui faz com que algumas vezes imperceptivelmente cada homem troque sem necessidade seus objetos em buscas de últimas tecnologias.

Neste aspecto o retorno se faz presente, pois os contrapostos das perceptivas de não valorização do homem faz com que os mesmos adquiram somente as necessidades mercantis e não as reais necessidades vitais.

[...] Como o trabalho – base fundadora de toda sociabilização humana, mesmo das mais primitiva – destaca tendencialmente o ser humano da esfera das necessidades biológicas mais puramente espontâneas e de sua satisfação apenas biológica, tornando determinantes, em seu lugar, os pores teleológicos, que, por sua natureza, assumem de imediato um caráter alternativo, são necessários desde o primeiro instante reguladores sociais que regulamentem as decisões alternativas que estabelecem os conteúdos da teleologia conforme as respectivas necessidades sociais vitais. (LUKÁCS, 2010, p.46).

As novas considerações, portanto da caracterização humana do embate laboral com o próprio ser vivente que quer a sua ato-preservação fazem com que o amadurecimento que vai ocorrendo dentro das perspectivas das considerações das forças que o ser melhor pode oferecer nas perspectivas finalísticas sejam visualizadas.

Pois como na verificação da primeira negação da lógica mercantil podemos visualizar a retirada do homem de sua alienação perante as várias faces do capitalismo subjacente, no retorno afirmativo através da segunda negação dialética pela valorização do trabalho como todo humano, na preservação humana.

A verificação em que o homem esta posto para o trabalho se faz perceptível pela sua incessante busca, pelas oportunidades laborais cotidianas, mas como consequência este pode adquirir o mesmo sem estar permanentemente preso ao seu sistema manipulador.

[...] Em todos os atos teleológicos do metabolismo da sociedade com a natureza, desencadeiam legalidades naturais existentes independentemente deles, ainda que em muitos casos, que com o desenvolvimento vão se multiplicando, trata-se de descobertas na preparação de tais atos; estes podem impor-lhes uma nova forma de objetividade que ainda não existia na natureza, mas isso tudo não muda em nada o fato básico de que pelo pôr teleológico se desencadeiam séries causais, pois conexões, processos teleológicos próprios etc. não existem em si de modo algum. (LUKÁCS, 2010, p.52).

Adquirir um trabalho para conseguir os ganhos tão necessários atuais, e não estar totalmente envolto ao sistema subjacente, é ainda hoje um ideal humano. Pois a liberdade é algo ainda subjetiva ao ser humano e faz presente permanentemente pela manipulação ilusória

da propaganda, pelo pagamento de baixos salários, na desvalorização ilusória humana e numa reativação de seus dons, para o engrandecimento só da fábrica.

Assim, o que se faz perceptível é que os atos marxianos ainda têm de ser continuamente retornados, para a valorização do homem enquanto ser vivente e vicejante. Fazendo do mesmo parte co-atuante da natureza, que necessita de condições naturais de cuidado com tudo aquilo que a envolve para sua permanência.

[...] devido a práxis, o homem que continua a se desenvolverem uma multilateralidade cada vez mais variada se encontra defronte à sociedade, ao seu metabolismo com a natureza, à sua formação de órgão para desenvolvimento próprio etc., com o que não apenas cresce a corporificação objetiva da generalidade, tornando-se cada vez mais variada em muitos aspectos, mas ao mesmo tempo coloca múltiplas e diferenciadas exigências ao indivíduo humano nela praticamente ativo. Esse processo, que se desenrola objetiva e subjetivamente, em constante interação entre objetividade e subjetividade, faz surgir as bases ontológicas, das quais a singularidade de ser humano, ainda em muitos aspectos meramente natural, pode adquirir aos poucos caráter de individualidade (social, possível apenas na sociabilidade). (LUKÁCS, 2010, p.82).

Assim, as atitudes teleológicas do homem têm de ser dadas sempre nas condições atuais não da alienação ao trabalho laboral, mas também de alienação a todos os demais super-valores dados as formas tecnicistas de conquista jamais preenchíveis das fugas propostas pelo mercado e pelo alto desenvolvimento que se tenta chegar.

As atitudes hermenêuticas de uma verdadeira visualização das necessidades é de grande percepção, não podemos nos cumular de padrões científicos e esquecermos das nossas verdadeiras necessidades primordiais para a vida cotidiana e bons padrões para uma futura continuidade da provável vida humana sobre a nossa atmosfera.

[...] A individualidade como sistema próprio, socialmente determinado, de reagir às alternativas que a vida apresenta (a vida cotidiana), caracteriza hoje praticamente todos os seres humanos da sociedade e é, em termos ontológicos objetivos, um produto do desenvolvimento milenar da sociedade para uma sociabilidade tendencialmente omnilateral, é óbvio que também no processo de reprodução dos exemplares singulares do gênero. (LUKÁCS, 2010, p.95).

As influências individuais podem ter uma repercussão total, alterando os padrões humanos além de si, pois os atos de ações particulares são atos influentes em toda natureza, e estes atos são muito mais sentidos se forem tomados por uma fábrica que desrespeita os princípios vitais de muitos homens da sociedade.

Assim, as novas configurações que a vida vai adquirindo perante o ato gritante, de uma adaptação darwinista, da qual não conseguimos dar pela nossa própria prolongação da

vida por técnicas de sobrevivência, faz com que cada uma de nossas necessidades seja a necessidade como tal.

Lukás observa quanto a este aspecto, os avanços da ciência como a medicina em que não são tratadas doenças, mas sim pacientes com uma determinada doença, ou seja, a particularização da minhas necessidades faz da necessidade total seja voltada par o meu Eu.

Pode-se, portanto fazer a verificação das categorias constituição humana de cada necessidade real e atual, que cada ser se impõe a partir não só do trabalho executado, mas também de suas necessidades adquiridas pela sociedade.

[...]Se acrescentarmos o momento – muito importante para nosso problema atual – da consciência adequada indispensável para tal práxis, que segundo Lenin, “só pode ser trazida ao trabalhador 'de fora', isso é, fora da luta econômica, fora da esfera das relações entre operários e patrões”, vemos, de um lado, que cada decisão alternativa de cada trabalhador tornado individualidade pressupõe como base um determinado estágio do desenvolvimento só ser social,e, por outro lado e ao mesmo tempo, é impossível que a práxis coletiva assim originada (síntese prática de muitas decisões alternativas pessoais imediatas) possa ser mera consequência mecânico-causal imediata do desenvolvimento (econômico) social objetivo. (LUKÁCS, 2010, p.98).

As preocupações atuais necessitam ir muito além do próprio consciência cooperante, pois a busca continua pela ética vigente que é formada e constituída pelo homem através das questões teleológicos do trabalho tem a necessidade de intensa corroboração dos participantes.

O homem não alienado e desvinculado da sociedade capitalista luta com a máxima exigência por princípios de precaução, e mostrar que sua força interna. Está força ainda vai contra este sistema capitalista, através do ato laborativa de enfrentamento da imposição ofegante imposta principalmente pelos meios de comunicação social, dos teres que o homem tem de adquirir para suprir as necessidades frenéticas de se preencher.

[...] Só uma socialização relativamente desenvolvida da sociedade pode transformar a relação do gênero com seus exemplares em um processo duplo, no qual, de sua interação prática ativa a própria generalidade nasce como processualidade sócio histórica. (LUKÁCS, 2010, p.101).

Um modo de controle de cada necessidade humana mercantil pode ser dado na aquisição de produtos mais ecológicos, de pequenas companhias, principalmente economias solidárias. Assim, o cuidado com as escolhas não se dá somente pelas marcas, refazendo a consciência local ser valorizada e o homem realmente reconhecido pelos seus produtos.

Alguns meios, como a água, o ar o próprio solo e demais meios¹², já são tão gritantes pela falta de cuidado do homem que o mesmo necessita se desalienar das possibilidades passageiras.

Se faz necessário uma nova revitalização e ter a preocupação com as gerações futuras, pois as mesmas senão cobrarão o quanto mais das intransigências tomadas pela nossa sociedade atual.

[...] O ser humano é também um ser fundamentalmente histórico-social, na medida em que seu passado constitui, sob a forma do seu próprio passado, um momento importante do seu ser e atuar presentes. Já o ser humano singular, enquanto singular, vive e constitui sua própria vida histórica espontaneamente, na medida em que as recordações da própria pré-história constituem elementos importantes para as suas decisões entre alternativas atuais e ainda mais para a sua unificação em sua personalidade. [...] O passado muda, portanto, juntamente com o processo presente, assim como seus conteúdos, formas, valores etc., continuam ligados a esse processo. Ele é, portanto no sentido de Marx, uma ideologia: um instrumento social de tomada de consciência e de combate de conflito do presente. (LUKÁCS, 2010, p.109 - 110).

Os atos de alienação marxista que foram analisado principalmente na atmosfera do trabalho, hoje têm de ser retomados, principalmente neste embate na alienação consumista da nossa sociedade vigente atual, pois a Terra já não suporta mais a demanda tão exagerada que o ser humano impôs a si mesmo como necessária.

O afeto de nossa alienação de um hiperconsumismo faz com que os suportes atuais sejam gritantes, pois se a continuidade de tanta demanda continuar num ritmo como em certos ambientes seriam necessários três planetas para encobrir as necessidades de tais necessidades.

[...] Todavia apenas o conhecimento e o reconhecimento de que a concepção “coisificada” do ser começou a ser substituída pela prioridade ontológica do ser aos complexos, e a simples explicação causal dos processos dinâmicos substituída pelo conhecimento de sua irreversibilidade tendencial, nos deixa em condições de reconhecer e descrever os problemas categoriais do ser, sobretudo do ser social, em termos marxistas autênticos. (LUKÁCS, 2010, p.156).

A simbiose que o homem está interligado a natureza é concomitante, esta relação requer ser estudada, por uma nova educação de não alienação ao sub sistema manipulador apreensivo, as dificuldades são apreensíveis, pois os homens estão diariamente expostos aos modismos fúteis, do ter para um estar, ou seja, estar num nível consideravelmente financeiro,

12 Quanto a estas perspectivas de que todas as coisas já são e estão comprometidas pode-se verificar o texto de BECK. Ulrich. **A Sociedade do Risco** Ed. 34

de status que poucos têm a tal acesso, e estes poucos tem o têm são os que possuem o necessário para suprir as necessidades que muitos não o têm.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

As posições de retomada do trabalho fazem com que o homem repense o que é, e o que está a fazer em seu ambiente natural, por quais motivos ele pretende trocar sua força de trabalho, a estas percepções da ao mesmo um caráter de auto valorização emancipatório.

A aquisição de tal status, numa valorização real da força laboral humana, faz com que o ser realmente pense se realmente ele pretenderá e se terá um verdadeiro valor para vender seus esforços para aquisição de teleologias impreenchíveis, no seu âmbito total, ou se ele fará o mesmo na proporção de adquirir somente as necessidades básicas para a sua sobrevivência.

Portanto, as demandas humanas hoje têm de serem repensadas, como nos primórdios marxianos, pois a imposição capitalizadora, faz de um modo disfarçado, que cada qual ser humano possua os teres teleológicos que preencherão o vazio jamais preenchível, e os âmbitos de natureza se sentem já afetados pelas intransigíveis de modismos inalcançáveis.

O homem necessita ser valorizado pelo que é e faz, pela força de vontade de trabalho, ou por sua disponibilidade laborativa de dar o melhor de si, não ser valorizado pelo que tem ou pelas aquisições que pretende ter.

Pois as novas formas de alienação são muito mais bem disfarçadas e influenciam sempre mais a sociedade a ter necessidades cotidianas, fazendo com que o ser não repense assim com aquilo que o envolve e está gritante, ou seja a natureza, que é fonte de vida para a futura vida humana.

Assim o caráter emancipatório da um verdadeiro valorativo ao homem por aquilo que é e faz para os que estão ao seu entorno e não pelas suas capacidades, pois a sociedade mais afetada pelas não aplicação da natureza para fins comuns é a classe trabalhadora.

REFERÊNCIAS.

BOBBIO, Norberto. **Estudos sobre Hegel:** Direito, Sociedade Civil, Estado. Fundação para o Desenvolvimento da UNESP, ed: brasiliense 1989. 1ed. 232p. Tradução: Luiz Sérgio Henriques, Carlos Nelson Coutinho. Título original: Studi hegeliani, 1981.

CHÂTLET, François. **O pensamento de Hegel.** 2ed. Lisboa: Presença, 1985. 171p. (Biblioteca de textos universitários : 71).

CIRNE-LIMA, Carlos R. V. **Dialética para principiantes** / Carlos R. V. Cirne-Lima . - Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

___ **Sobre a contradição** / Carlos R. V. Cirne-Lima . - Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993. 130p. - (Coleção Filosofia).

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich, 1770 - 1831. **Como o senso comum compreende a filosofia**; seguido de: A contingência em Hegel. Apresentação de Jean-Marie Lardic, tradução Eloisa Araújo Ribeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. 128p. Títulos do original: Wie der Gemeine Menschenverstand die Philosophie nehme --- dargestellt an den Werken des Herrn Krug. (Hegel). La contingence chez Hegel. (Lardic).

___ **Ciencia de la Lógica.** / Traducción: Augusta y Rodolfo Mondolfo, Título del original alemán: Wissenschaft der Logik, 4ª edición castellana: Ediciones Solar S. A., julio 1976. Argentina. 758p.

___ **Enciclopédia das Ciências Filosóficas.** / São Paulo: Loyola, 1995-1997. Título Original: Enzyklopädie der Philosophischen Wissenschaften im Grundrisse.

___ **Fenomenologia do Espírito.** tradução: Paulo Menezes. 7. ed. rer. Pretópolis, RJ : Vozes : Bragança Paulista. 552 p. Título original: Phänomenologie des Geistes

___ **Filosofia da História.** / trad. Maria Rodrigues e Hans Harden. 2ª ed. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1999. 373p. Título original: Geschichte der Philosophie.

___ **Princípios da Filosofia do Direito.** São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Trad. Orlando Vitorino). Coleção: Clássicos. Título Original: Grundlinien der Philosophie der Rechts.

HÖFFE, O. **Justiça Política. Fundamentação de uma Filosofia Crítica do Direito e do Estado.** Petrópolis, Vozes, 1991 (Trad. de Ernildo Stein).

HONNETH, Axel. **Crítica del agravio moral: patologias de la sociedad contemporánea** / Axel Honneth ; edición literaria a cargo de Gustavo Leyva ; com prólogo de Miriam Mesquita Sampaio de Madureira. –1ª ed. – Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica : Universidad Autónoma Metropolitana, 2009. 464p

___ **Luta por Reconhecimento:** a gramática moral dos conflitos sociais. / Axel Honneth; São Paulo : Ed.34 2003. 296p. Título original: Kampf um Anerkennung, Tradução de: Luiz Repa; apresentação de Marcos Nobre.

___ **Sofrimento de Indeterminação:** uma reatualização da filosofia do direito de Hegel./ São Paulo: Editora Singular , Esfera Publica, 2007. 145p. Título original: Leiden na Unbestimmtheit: Eine Reaktualisierung der Hegelschen Rechtsphilosophie Reclam, 2001. Tradução de: Rúrion Soares Melo.

INWOOD, Michael. **Dicionário Hegel** / Michael Inwood; tradução: Álvaro Cabral; revisão técnica, Karla Chediak. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. (Dicionário de Filósofos) Tradução de: A Hegel Dictionary.

JONAS. Hans. **Princípio Responsabilidade.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

JUNGES. José Roque. **Bioética Ambiental.** São Leopoldo: Ed. Unisionos, 2009.

LUKÁCS, György. **Ontologia del ser social: el trabajo.** - 1ªed.- Buenos Aires: ediciones: Herramienta, 2004. Traducción: Miguel Veda.

___ **Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível.** Trad: Lya Luft e Rodnei Nascimento; supervisão editorial

de Ester Vaisman.- São Paulo: Boitempo, 2010.

___ **Le Jeune Hegel:** sur les rapports de la dialectique et de l'économie Éditions Gallimard, Paris, 1981, 448p.

MARX. Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**, 1843 / Karl Marx ; tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus ; [supervisão e notas Marcelo Backes]. – [2ª. ed revista]. São Paulo : Boitempo, 2010. Tradução de: Zur Kritik der hellschen Rechtsphilosophie.

___ **Manuscrtos Econômicos Filosóficos.** São Paulo: Boitempo, 2008.

WEBER, Thadeu. **Hegel, liberdade, estado e história.** Petrópolis, Rj: Vozes, 1993. 252p.

___ **Ética e Filosofia Política:** Hegel e o formalismo kantiano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.